

Brasil o único que tem duas áreas de produção afastadas, com diferentes épocas de safra. Isto simplifica os problemas de transporte e armazenagem, como também nos dá maior versatilidade na concorrência do comércio externo.

A modernização do parque açucareiro no Sudeste permitiu que nos tornássemos auto-suficientes e retomássemos a ofensiva no mercado internacional, a partir de 1955.

Não obstante os esforços do Instituto do Açúcar e do Alcool, o Nordeste passou a ser uma região açucareira secundária.

Bibliografia

- 1 — GILENO DE CARLI: *Geografia Econômica e Social da Cana-de-Açúcar no Brasil*, 109 pp. Ed. Brasil Açucareiro, 1938.
- 2 — GILBERTO FREYRE: *Casa Grande & Senzala*. Col. Docs. Bras. 5.ª ed. 2 vols., LXXXI + 476 e 371 pp. Livr. José Olímpio, 1946.
- 3 — GILBERTO FREYRE: *Nordeste*. Col. Docs. Bras. 270 pp. Livr. José Olímpio, 1937.
- 4 — «O Caso do Açúcar». *Visão*, 2-4-954, pp. 32-40.
- 5 — MARIO LACERDA DE MELO: «Aspectos da Geografia do Açúcar no Brasil», separata da *Rev. Bras. Geog.*, ano XVI, n.º 4, out. - dez. 1954, pp. 467-492.

GEOGRAFIA DAS INDÚSTRIAS

Súmula das aulas do Prof. Pedro Pinchas Geiger

1. — O interesse pela Geografia das Indústrias vem aumentando, em tempos recentes, relacionando-se a isto, entre outros fatos, os seguintes:
 - a) Disseminação do processo industrial moderno pelo mundo, como elemento da luta contra o chamado subdesenvolvimento;
 - b) prática de planejamentos regionais que envolvem atividades industriais, tanto em países de economias adiantadas, quanto em países menos desenvolvidos;
 - c) necessidade de reorganização de regiões de alta concentração de atividades em países industrializados.
2. — O progresso da Geografia das Indústrias, também, se relaciona ao avanço geral da Geografia Econômica, que está passando a ser considerada como elemento essencial da compreensão de toda a Geografia Humana. Deixa-se de pensar tanto, como se fazia outrora, apenas em grupos de estru-

tura econômica primitiva que dotados de recursos técnicos inferiores, refletem, com maior facilidade, condições físicas locais; diminui a preocupação de pesquisar apenas gêneros de vida ou habitats de povos primitivos.

3. — São poucos, ainda, as obras gerais existentes acêrca da Geografia das Indústrias; lembro o volume *Geografia General, Agrária e Industrial*, versão em espanhol da obra de ERICH OTREMBA e o *Précis de Géographie Economique*, de PIERRE GEORGE, já traduzido para o português RUTH MAGNANINI. Ambas as obras citadas dão ênfase à Geografia das Indústrias.
4. — A diferença fundamental entre a Geografia das Indústrias e a Geografia das outras atividades de produção reside no facto de que, na produção industrial, o processo não envolve fenômenos naturais. Ao contrário do que se observa na Geografia Agrária, em que a produção resulta de fenômenos biológicos, que se realizam no quadro físico da região. A produção industrial também não envolve, obrigatoriamente, materiais oriundos do quadro natural local, o que ocorre no caso da produção das atividades extrativas;
5. — Por isso mesmo, na Geografia das Indústrias, talvez não seja o «problema da localização» o mais importante. É evidente que uma série de condições dirige a escolha do local da instalação de um estabelecimento, entre as quais, fatores do quadro da geografia física local. No entanto, em último caso, a indústria se localiza onde a quer o empresário e este terá, em geral, uma liberdade maior, em relação aos fatores geográficos, do que a de que dispõe o agricultor na escolha do local onde cultivar os seus produtos.
6. — Em compensação, como consequência da localização da atividade industrial em determinada área, criam-se novos problemas, para os estudos geográficos. A atividade industrial é importante elemento na formação do quadro geográfico de uma região. Ela leva à organização complexa do espaço; uma organização da qual faz parte a circulação de matérias-primas, dos bens produzidos, da energia e, eventualmente, da mão-de-obra. Ainda da organização do espaço, faz parte a residência da mão-de-obra, etc. A atividade industrial também leva ao estudo das relações entre

Transcrições

as diversas regiões da superfície terrestre, ao comércio, à circulação financeira, etc.

7. — Há pouco, o professor MICHEL ROCHEFORT deu um curso sobre a Geografia das Indústrias no CNG, e orientou um trabalho de pesquisas na DG, do qual participei. De seus ensinamentos e desta experiência, darei alguma ciência a seguir.

I — Assuntos de Pesquisa:

- a) Estudo geográfico dos capitais e das empresas: — Origem dos capitais: Local? De fora? Familiar? Transferido de outra atividade? etc.
— Uma empresa com diversos estabelecimentos? Empresa local com estabelecimentos também em outras áreas? etc.
- b) O problema da técnica da produção:
— Nível técnico da maquinaria em comparação com outras regiões.
— Máquinas nacionais? Importadas? Conservação local? Reparos? etc.
- c) O problema da energia:
— Possibilidades de novos empreendimentos. De ampliações? etc.
- d) Estudo geográfico da matéria-prima:
— Origem. Transporte. etc.
- e) Estudo geográfico da mão-de-obra:
— Qualificação? Mão-de-obra tradicional? Transferência de outras atividades? Localização? Transporte diário? etc.
- f) Estudo geográfico dos mercados:
— Para onde vai a produção? Como se faz o comércio? O transporte? etc.
- g) Estudo do habitat, do estabelecimento e da residência da mão-de-obra.

II — Estudo dos Centros Industriais

- a) Hierarquia dos centros industriais:
— Segundo dimensões dos estabelecimentos.
— Segundo dimensões das empresas.
— Segundo a origem dos capitais.
- b) Tipos dos centros industriais:
— Segundo a hierarquia — o domínio ou não de tal ou qual gênero de indústria, e a evolução dos centros industriais.
- c) Região industrial:
— Segundo a hierarquia e os tipos dos centros industriais que contém.